



# **Cenário do Setor - 2012**

Avaliação do setor de borracha do Rio  
Grande do Sul

**São Leopoldo, outubro de 2012**



## ***1. Sumário Executivo***

### ***2. A economia brasileira em 2012***

- ***O setor de borracha no contexto nacional***

### ***3. O Rio Grande do Sul em 2012***

- ***O setor de borracha no Rio Grande do Sul***



## ***SUMÁRIO EXECUTIVO***

O pano de fundo para a análise dos primeiros números relativos a 2012 do setor de borracha sinalizam a continuidade do impacto negativo da desaceleração da economia internacional sobre as exportações e, de outro lado, o próprio arrefecimento da atividade produtiva no cenário nacional.

Em conjunto, esses dois elementos contribuíram para construir um cenário de forte queda da produção no setor, seja no segmento de pneumáticos ou então de artefatos. Porém, o empresário industrial adentrou no último trimestre do ano sinalizando perspectivas mais positivas para o setor, como pode ser captado pelos indicadores de confiança.

De fato, na medida em que o fim do ciclo de desaceleração do PIB nacional vai tomando forma, a percepção de que o cenário prospectivo será diferente do atual contribui para melhorar as expectativas, e reserva os melhores resultados para 2013.

No caso do Rio Grande do Sul, boa parte dos indicadores de atividade do setor sinalizam na mesma direção do verificado para o Brasil. Porém, há duas diferenças importantes. Em primeiro lugar que a retração no setor no estado foi mais intensa, fruto, em especial, pelos impactos indiretos que a estiagem produziu sobre a demanda.

O segundo ponto a destacar é que as variáveis do mercado de trabalho no setor no Rio Grande do Sul já apontam para uma recuperação bem antes das variáveis relacionadas à produção, como as compras e o faturamento real.

De qualquer forma, seguindo o ciclo nacional, a expectativa é que a atividade produtiva do setor comece a se recuperar já a partir do último trimestre de 2012, adentrando em 2013 em um cenário de juros mais baixos e maiores incentivos pelo lado do consumo das famílias.

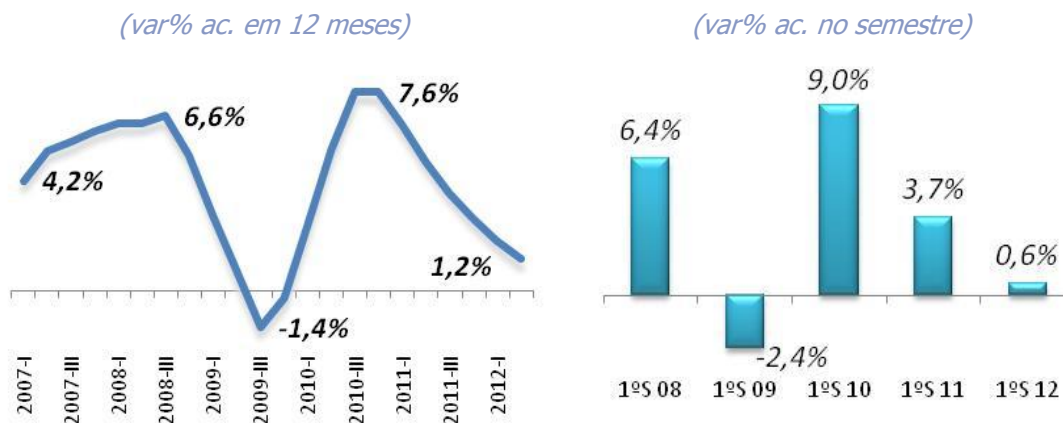


## A ECONOMIA BRASILEIRA EM 2012

Os resultados do PIB para o ano de 2012, com números até o encerramento do segundo semestre, sinalizam a continuidade da desaceleração da economia, tal como apontado na avaliação do cenário do setor elaborado no início desse ano.

Essa desaceleração se manifesta tanto na performance acumulada em doze meses, com um crescimento de apenas 1,2% encerrados em junho último, quanto na avaliação do semestre, com um crescimento de apenas 0,6% sobre o mesmo período do ano passado. De fato, o desempenho desse primeiro semestre é o pior desde o ano de 2009, quando a economia sentia os efeitos negativos da crise internacional.

### Evolução do PIB do Brasil



Fonte: IBGE

Na avaliação dos componentes desse crescimento, dois fatores chamam a atenção. O primeiro é a continuidade da desaceleração do consumo das famílias. De uma taxa de crescimento de 7% acumulada em 12 meses terminados no terceiro trimestre de 2010, para apenas 2,5% em junho de 2012. O segundo elemento é o comportamento dos investimentos. Para o mesmo período de análise, esse saiu de um crescimento de 21% para -0,4%.

Assim como surpreende um crescimento de 7% no consumo das famílias, também surpreende a desaceleração que teve curso desde então. Porém, essa pode ser fundamentada no comportamento das variáveis que são determinantes para esse resultado.

Entre 2003 e 2012 o **crédito a pessoas físicas** desempenhou papel importante ao impulsionar o consumo das famílias no Brasil. Mas, desde meados de 2011 que o nível de concessões passou a ter uma dinâmica menor e, de uma taxa de crescimento de 16% ao ano, caiu para 4% no encerramento do semestre. Essa retração ocorreu tanto nas linhas mais tradicionais, como financiamento de veículos e crédito pessoal, como nas demais.

O motivo apontado para esse comportamento é, pelo lado da demanda, o elevado nível de endividamento das famílias e a menor dinâmica da renda real e, pelo lado da oferta, o crescimento da inadimplência e o aumento da aversão a risco por parte das instituições financeiras.

No caso dos investimentos, o que contribui para fundamentar a retração é o menor nível de confiança dos empresários, principalmente dentre aqueles ligados ao setor industrial e a própria percepção de que a economia se encontrava em um período cíclico de menor crescimento.

Na avaliação do PIB pelo lado da oferta, o setor mais dinâmico segue sendo os serviços, com destaque para a administração pública, sejam pela variação percentual ou então pelo seu peso na composição do PIB, e as vendas do comércio. Por outro lado, a queda de -1,3% no PIB da indústria no primeiro semestre contribuíram para puxar para baixo os resultados agregados. Nesse grupo, a indústria de transformação foi a única a ter queda, -3,9%.

Dados esses resultados, as perspectivas para o desempenho no ano de 2012 convergem para um crescimento da ordem de 1,2%. Apesar do resultado baixo relativamente ao verificado em outros anos, o fato é que esse número irá refletir mais fortemente a desaceleração do primeiro semestre, uma vez que os dados desagregados do segundo semestre deixam antever uma

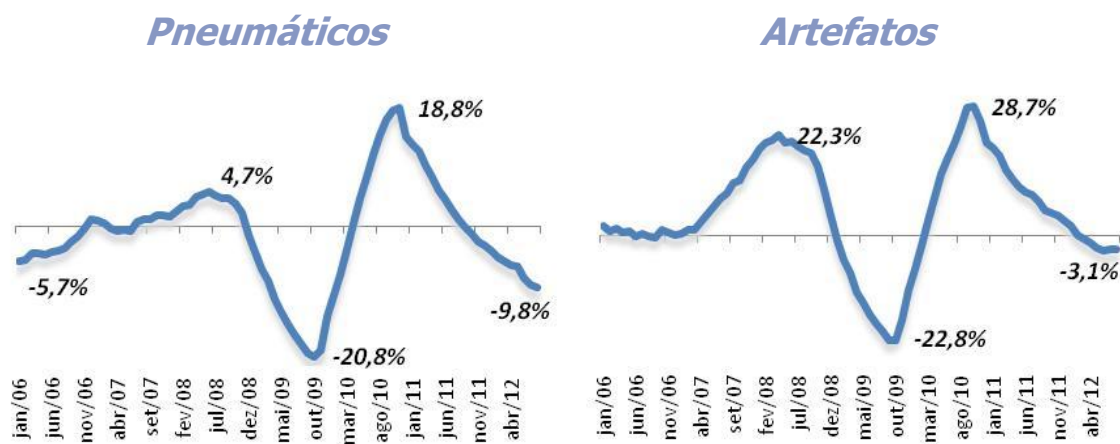
recuperação da economia. Sendo assim, a retomada mais forte da produção e do consumo devem ser sentidas a partir do primeiro trimestre de 2013.

### • *O Setor de Borracha no Contexto Nacional*

Tal como verificado para a atividade econômica agregada, a desaceleração ao longo do ano de 2012 também foi sentida no setor industrial de borracha. Porém, essa foi mais intensa. De acordo com os dados de produção industrial, divulgados pelo IBGE, dois segmentos são representativos do setor, a fabricação e acondicionamento de pneumáticos e a produção de artefatos diversos de borracha.

### *Evolução da Produção Industrial*

(var % acumulada em 12 meses)



Fonte: IBGE

No segmento de *pneumáticos*, o pico de produção foi novembro de 2010, quando atingiu 18,8% de crescimento no acumulado em 12 meses. Desde então, a atividade foi, mês após mês, perdendo dinâmica até entrar no campo negativo em setembro de 2011 e atingir o mínimo de -9,8%. O menor patamar desde a crise de 2009. Destaca-se que essa retração foi mais intensa durante o ano de 2012 quando, no acumulado do ano, o segmento acumula uma queda de 10,1%.

Cenário idêntico pode ser verificado no segmento de *artefatos diversos*, na curva de desempenho da produção acumulada em 12 meses. Porém, nesse, o pico de produção foi atingido em outubro de 2010 e, a mínima, em junho de 2012. Desde então, nos dois meses seguintes ocorreu uma pequena melhora na produção. No ano, a produção de artefatos diversos acumula uma queda de -2,7%, o primeiro resultado negativo desde 2009.

Como forma de validar esse resultado com o cenário macroeconômico, podemos ver que esse ciclo de desaceleração tem correspondência com o desempenho da indústria total. Nessa, o pico de produção ocorreu em outubro de 2010, 12% de crescimento em 12 meses. Desde então, a mesma iniciou um processo de perda de dinamismo até atingir, em agosto de 2012, -3,1% de queda no acumulado em 12 meses.

O comportamento do setor externo de borracha segue, em grande medida, a retração na atividade econômica no cenário internacional. No caso das exportações de pneumáticos, os primeiros nove meses do ano apontam para uma queda de 5,2% nas exportações em dólares, colocando as mesmas em R\$ 1,1 bilhão em 2012. Mas, com a cotação média do dólar um pouco maior que o verificado em 2011, as exportações, quando medida em reais e descontado o efeito inflacionário, apontam para um crescimento de 5,2% sobre o mesmo período de 2011.

As exportações de matérias-primas de borracha também tiveram queda no acumulado do ano de 2012, -2,1% sobre o mesmo período de 2011. Em reais, descontados os efeitos inflacionários, o resultado se inverte, tendo o mesmo crescido 8,8% no ano.

Nessa análise, o único segmento que teve crescimento das exportações foram os artefatos diversos de borracha, +0,9% sobre 2011, atingindo os US\$ 227 milhões. Em reais, descontada a inflação, as exportações no acumulado de 2012 chegaram a R\$ 445 milhões, representando um crescimento de 13% sobre o mesmo período de 2011.



## Evolução das Exportações

(em US\$ milhões acumulados jan-set)



Fonte: SECEX

O grupo de indicadores relacionados aos *índice de confiança*, medidos pela CNI, podem ser divididos em três partes: (i) condições atuais; (ii) expectativas; (iii) total. Esses são denominados de ICEI – Índice de Confiança do Empresário Industrial. De acordo com os resultados do setor de borracha, podemos ver que a confiança do empresário no setor está próximo a 50, que seria classificado como ponto neutro.

## Índice de Confiança do Industrial do Setor de Borracha

(N<sup>a</sup> índice)



Fonte: CNI

Como esse é ponderado pelo indicador de condições atuais e de expectativas, a avaliação desses é que irá determinar como se compõe a confiança atual do empresário. Nesse caso, é a confiança com o cenário atual, que se encontra em 41,7 pontos, portanto, abaixo de 50, que sinaliza o maior



pessimismo. Por outro lado, o indicador de expectativas, que está em 56,6, não apenas revela uma perspectiva melhor para o setor no Brasil como, também, já representa o terceiro mês consecutivo de expansão.

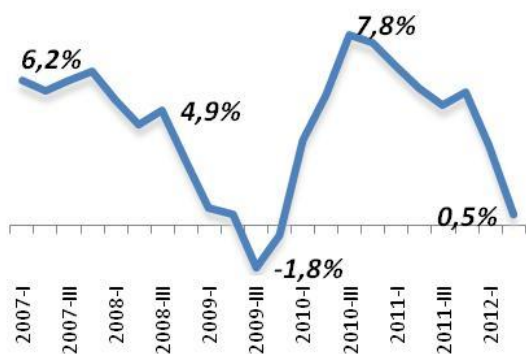
## O RIO GRANDE DO SUL EM 2012

Até o final de 2011, a performance do PIB do estado era superior à verificada na média nacional. Mas, a continuidade dos impactos negativos da crise internacional sobre a indústria local, juntamente com a estiagem, que atingiu de maneira mais forte o setor agropecuário, mas, com impactos negativos sobre outros setores da economia, contribuíram para uma desaceleração acentuada na atividade regional.

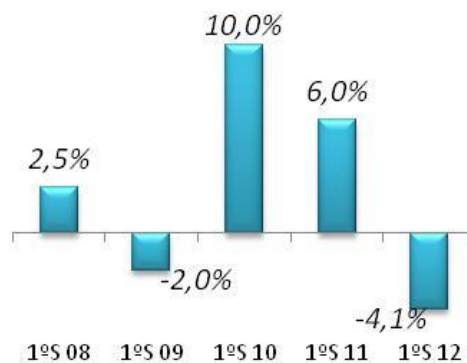
A taxa de crescimento de 7,8% do PIB acumulada em 12 meses no final de 2010 foi, aos poucos, se retraindo até atingir os 0,5% ao final de junho. Essa desaceleração fica evidente ao se avaliar a performance semestral. Entre janeiro e junho de 2010, sobre o mesmo período de 2009, o PIB do Estado cresceu 10%. No ano seguinte essa taxa foi de 6% e, em 2012, uma contração de -4,1%.

### Evolução do PIB do Rio Grande do Sul

(var% ac. em 12 meses)



(var% ac. no semestre)



Fonte: FEE

Não há dúvidas sobre a contribuição negativa da agropecuária que, nesse primeiro semestre, teve queda de -36%. Outro setor que também apresentou resultado negativo foi a indústria, -1,4%. Os serviços continuam a contribuir de maneira positiva para os dados do PIB, mas, também, com menor dinâmica. O crescimento de 3,3% do setor nesse primeiro semestre é o menor desde os resultados de 2009 e reflete, sobremaneira, a desaceleração do

crédito, da evolução da renda real e do elevado nível de endividamento das famílias, em linha com o cenário macroeconômico.

De forma diferente do projetado para o Brasil no encerramento do ano de 2012, seria natural esperar que o PIB do Rio Grande do Sul tenha performance negativa, uma vez que os impactos da estiagem sobre a atividade produtiva e a geração de renda em vários municípios irão limitar a retomada da economia no segundo semestre. Mesmo com a expectativa de encerramento do ciclo de retração no último trimestre do ano, essa recuperação seria insuficiente para compensar as perdas de produção verificadas ao longo do primeiro semestre.

### • *O Setor de Borracha no Rio Grande do Sul*

O cenário econômico para a indústria de borracha do Rio Grande do Sul em muito se assemelha ao presenciado no ambiente nacional. Para essa análise, são selecionados os dados de desempenho da FIERGS para o setor.

Nesse caso, podemos dividir essa avaliação em duas partes. Na primeira, composta pelos indicadores relacionados ao mercado de trabalho, é possível notar que, as contratações seguem em crescimento, com o indicador de **pessoal empregado** cresceu 6,2% no acumulado no ano entre janeiro e agosto de 2012 sobre o mesmo período de 2011.

Esse movimento não foi seguido pelas **horas trabalhadas**, que tiveram queda de -4,6% para o mesmo período. Como se sabe, o indicador de horas acaba reagindo de forma mais rápida ao cenário econômico do que o de emprego. Ou seja, as indústrias ajustam as horas antes de ajustar os empregos. Porém, nesse caso, quando os dois indicadores são avaliados nos últimos 12 meses, podemos ver que o processo de ajuste das horas já foi processado, estando o mesmo com tendência de crescimento. Isso pode estar sinalizando que os empregos devem retomar nos próximos meses, mesmo que, de forma lenta.

Por fim, ainda relacionado aos indicadores do mercado de trabalho, a **massa de salários** apresentou crescimento forte, de 46% no ano sobre o mesmo período do ano passado. Essa recuperação se deve, em grande medida, à baixa base de comparação, que foi a queda de -10% em 2011. Mas, retrata também, o forte ajuste dos salários que aconteceram no setor no período.

### Indicadores Industriais

(var. % ac. jan-ago)



Fonte: FIERGS

Dois outros indicadores completam essa avaliação, e estão relacionados à produção. As **compras industriais**, que refletem o nível de compras de matéria prima do setor, sinalizam uma queda de 34% durante os primeiros oito meses de 2012 sobre o mesmo período de 2011.

E, de forma contrária à evolução verificada nos indicadores de mercado de trabalho, os dados de **faturamento** sinalizam uma queda acentuada no ano, -19%. Esse resultado reflete uma desaceleração no indicador que já dura 19 meses. Ou seja, depois de atingir o pico em janeiro de 2011, 21,5% no acumulado em 12 meses, iniciou uma trajetória de queda que ainda não foi encerrada. Em agosto último o faturamento acumula perda de 16% quando medido em 12 meses.

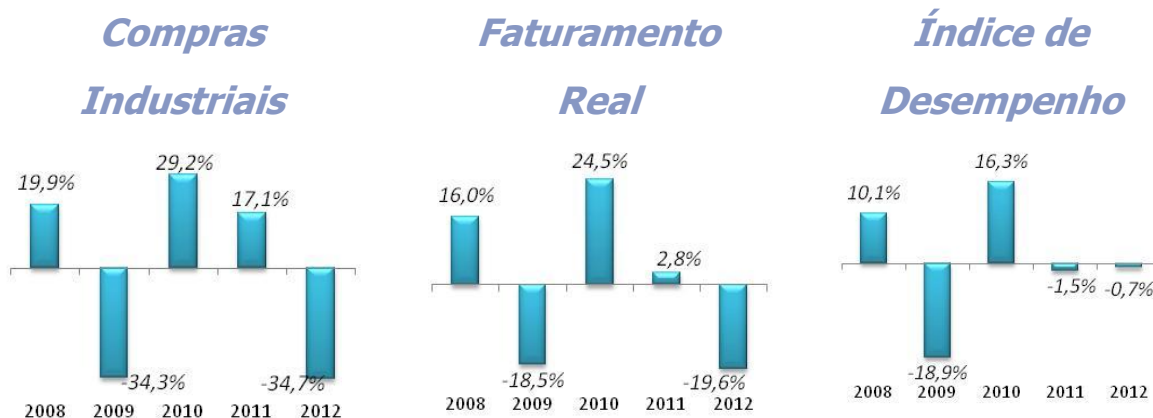
A composição desses indicadores resulta no **índice de desempenho industrial**, que pode ser interpretado como uma medida de desempenho do setor. No ano, esse apresenta uma queda de 0,7% sobre o mesmo período do

ano anterior. Nessa base de comparação, esse é o segundo ano consecutivo de queda. O ponto positivo é que o processo de desaceleração sinaliza para seu fim. Depois do pico de atividade no setor, apresentado em janeiro de 2011, quando o IDI – Índice de Desempenho Industrial, crescia 12,8% no acumulado em 12 meses, atingiu seu vale em abril de 2012, com queda -5,5%. Desde então é possível notar uma recuperação no indicador, estando o mesmo, em 12 meses, em -2,6%.

Porém, a avaliação de seus componentes, sinaliza que essa recuperação tem se dado de forma mais intensa pela via das variáveis relacionadas ao mercado de trabalho do que relativamente aos indicadores de produção.

### Indicadores Industriais

(var. % ac. no ano)



Fonte: FIERGS

Por fim, há os indicadores de *mercado externo* que também podem ser divididos em três grupos. Como pode ser visto no gráfico, em todos há queda das exportações quando medidas em dólares no acumulado do ano entre janeiro e setembro.

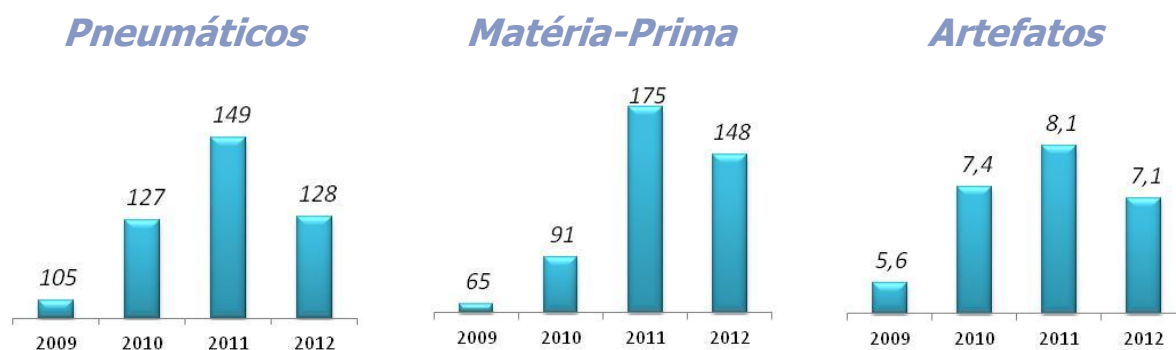
No caso das exportações de *pneumáticos* essa queda é de -14,4% sobre o mesmo período do ano passado, colocando as exportações em US\$ 128 milhões. Destaca-se que esse é o menor patamar desde a crise de 2009. Mesmo o câmbio mais favorável não foi suficiente para reverter essas perdas e,

no acumulado do ano, as exportações quando medidas em reais, retirados os efeitos inflacionários, apresentam queda de 4,7%.

As exportações de matérias-primas, item mais importante da pauta exportadora de borracha, tiveram a maior queda dentre os três componentes salientados, -15,3% no acumulado do ano. Quando medida em reais, a desvalorização da taxa de câmbio conseguiu, em parte, recuperar essa queda, colocando a mesma em -6,3%.

### *Evolução das Exportações*

*(acumulado jan-set - em US\$ milhões)*



Fonte: SECEX

Por fim, está as exportações de *artefatos diversos de borracha*, o item de menor importância para a pauta exportadora do setor no estado. No acumulado entre janeiro e setembro, essas tiveram queda de -14,8%, atingindo os US\$ 7,1 milhões. Quando medida em reais, essa variação foi de -1,2%.